

A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO E O PERFIL DO VISITANTE EM NATIVIDADE-TO

Poliana Macedo de Sousa¹
José Rogério Lopes²

Resumo: Este artigo apresenta o perfil do visitante da Festa do Divino Espírito Santo, uma das principais festas religiosas de Natividade, cidade da época colonial localizada no estado do Tocantins, Brasil. Os dados coletados são oriundos de um questionário online aplicado para os visitantes e frequentadores da festa na cidade. Entende-se que a festa movimentava a economia local, preservava a cultura, atraía pessoas de diversas localidades do estado e que são nesses locais de experiência religiosa que as pessoas aprendem as crenças que sustentam as normas e que codificam a vida em sociedade.

Palavras-chave: Festas Religiosas, Natividade, Tocantins.

A região de Natividade foi descoberta, segundo a maioria dos historiadores, pelo português Antônio Ferraz de Araújo, que estabeleceu uma mineração de ouro na serra que margeia a cidade, por volta de 1734. Em consequência disto, surgiu o povoado no alto da serra denominado São Luiz, nome em homenagem ao governador da capitania de São Paulo, Dom Luiz de Mascarenhas, que esteve na região em 1740 para organizar as minas.

Como arraial, vários acontecimentos importantes marcaram a história da localidade, tais como a divisão da Província de Goyaz em duas comarcas em 1809 (do norte e do sul), sendo Natividade sede da Comarca do Norte, até que se construísse a sede definitiva (vila da Palma, ocorrido em 1815), sob o comando do ouvidor português Joaquim Theotônio Segurado. Posteriormente, entre 1821 e 1823, houve o movimento separatista na região norte da província de Goiás com a liderança do Theotônio Segurado, e um governo autônomo foi criado com sede inicialmente em Cavalcante, Arraias e posteriormente em Natividade, que também teve sob comando do ouvidor nativitano, o tenente coronel Pio Pinto de Cerqueira.

¹ Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade Federal do Tocantins (UFT). polimacedo@uft.edu.br

² Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade Federal do Tocantins (UFT). jsrgllopes@gmail.com

Na segunda metade do século XVIII, Natividade entre no processo letárgico de estagnação, como em todas as outras regiões brasileiras produtoras de ouro, em consequência do rareamento do metal e por falta de outro tipo de economia que viria a substituir à atividade mineradora (PARENTE, 1998, p. 197).

Durante o ciclo do ouro, Natividade³ foi um dos mais importantes núcleos de garimpo na primeira metade do século 18. Há relatos que, em seu apogeu, a mineração chegou a ter cerca de 40 mil escravos, por volta de 1745. “E, a partir de 1770, por mais de 200 anos, o lugar permaneceu em relativa obscuridade, embora a produção de ouro jamais cessasse” (IPHAN, 2006, p. 7).

Conforme o último Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizado em 2010, o município possui cerca de nove mil habitantes (com população estimada em 9.250 habitantes⁴ no ano de 2020), cuja principal atividade econômica é a Administração e Serviços Públicos, com 35,57%, seguida pelo setor de Serviços (25,06%) e Indústria (23,52%). A cidade também é conhecida por sua extração do calcário dolomítico.

Natividade possui uma extensão territorial de 3.241,672 km², está localizada na região sudeste do estado do Tocantins e distante 218 km da capital, Palmas. A cidade contabiliza 250 imóveis do período colonial, edificações seculares, e mantém preservadas muitas crenças, além de tradições e festas religiosas, de forma que, em 1987, Natividade passa a ser reconhecida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) como Patrimônio Histórico Nacional, inscrita nos Livros do Tombo Histórico, Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico pela Lei 6.292, de novembro de 1975, e para efeitos do Decreto Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, foi homologado o tombamento do Conjunto Urbanístico, Arquitetônico e Paisagístico da cidade de Natividade, então pertencente ao estado de Goiás, pelo Ministério da Cultura, na época comandado pelo Ministro Celso Monteiro Furtado (MESSIAS, 2010).

Desse histórico cultural e de forte presença da Igreja na comunidade, têm-se que as principais festas religiosas de Natividade são: a Festa do Divino Espírito Santo e a Romaria do Senhor do Bonfim, apesar da comunidade comemorar tantas outras como o

³ A ‘Carta ou Plano Geographico da Capitania de Goyas’ ou, simplesmente, ‘Mapa dos Julgados’, consagrado na historiografia clássica, terminou de fazer-se em maio de 1778, pelo Sargento-mor, Tomás de Souza.

⁴ Ver em <http://cod.ibge.gov.br/D76>

Dia de Santos Reis, São Sebastião, Nossa Senhora das Candeias, Dia de São Brás, Terços de São José, Semana Santa, Santo Expedito, São Jorge, São João, São Benedito, São Cosme e Damião, Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora da Natividade, esta última sendo a padroeira do Tocantins.

Com base na teoria cultural de Raymond Williams (1979), um dos principais autores que discutem a cultura dentro da teoria marxista, só se pode entender uma cultura dominante e efetiva, a partir do momento em que se entende o processo social e as relações sociais que dela derivam.

Clifford Geertz (2008) define cultura como criadora e recriadora de comportamentos. E, trazendo a discussão para a contemporaneidade, Renato Ortiz (1986) apresenta a cultura, de uma maneira mais estrutural, como algo heterogêneo que não está inserido em um sistema único de significações, em que questiona o papel da memória e da relação de poder no processo de decisão do que seria considerado como patrimônio e do que seria uma identidade autêntica (Camaroff e Camaroff, 2009).

Seguindo a análise sobre cultura, convém salientar que o catolicismo popular adentrou no campo da cultura e a cultura passou a ser vista como recurso. Promovendo assim, o que Bourdieu (2009) estabelece como *habitus*, a partir da reprodução do modo de vida, o qual recebe influências externas e faz com que os indivíduos mudem sua percepção de como enxergam a vida e suas relações sociais, com o que Yúdice (2004) chama de campo de forças performáticas.

Logo, entende-se ainda, que Natividade segue um modelo de expressão cultural por meio de suas festas religiosas e segue, a partir de uma declaração de identidade (AGIER, 2001), enquanto prática de identificação (BAJOIT, 2006), uma realidade multicultural que deve ser entendida como uma narrativa que possui como fator principal a memória coletiva para sua formação.

A Festa do Divino Espírito Santo foi estabelecidas como tradição⁵ no Tocantins. Entende-se que essa festa é diferenciada na região, caracterizando-se pela sua singularidade, na qual os ritos e as celebrações são específicos para seus públicos.

⁵ INSTRUÇÃO NORMATIVA Nº 001/2012 que disciplina os procedimentos para inclusão de eventos culturais no Calendário e Agenda Culturais do Tocantins e dá outras providências. Sendo Eventos Tradicionais: eventos realizados há pelo menos 10 (dez) anos ininterruptos e que faça parte de uma comunidade específica, transmitido de geração à geração e que tenham reconhecimento em nível estadual por parte do Governo do Estado.

Sobre as festas religiosas em Natividade, o que se tem de informação atualmente, resume-se a matérias jornalísticas nos meios de comunicação, inclusive nos oficiais do estado, arquivos na Associação Comunitária Cultural de Natividade (Asccuna), material produzido pelo Iphan, além de trabalhos de conclusão de curso e alguns artigos científicos. Dentre os pesquisadores que trabalham com religiosidade e festas religiosas no Tocantins, pode-se citar Messias (2010), Oliveira (2010), Souza (2012), Sousa (2017), dentre outros.

Nesse sentido, este estudo integra o projeto de tese que trata de investigar uma das principais festas religiosas da cidade de Natividade, neste caso a Festa do Divino Espírito Santo, de forma a reconhecer e analisar como se estabelece a relação entre desenvolvimento local e turismo religioso, por meio do agenciamento de seus atores em torno de uma identidade religiosa e cultural que é atribuída à cidade. Logo, este artigo apresenta os dados coletados oriundos de um questionário online aplicado para os visitantes e frequentadores da festa do Divino da cidade.

A pesquisa compreendeu também a observação direta das atividades desenvolvidas na festa e entrevistas abertas com alguns participantes dos grupos de visitantes, comerciantes e devotos. Para alcance dos objetivos desta pesquisa foram utilizados revisão bibliográfica, levantamento documental e dois instrumentos metodológicos: entrevista abertas e aplicação de questionários.

Com relação aos procedimentos metodológicos da pesquisa, em 2020, no decorrer do levantamento dos dados desta pesquisa, o mundo foi devastado pela pandemia do novo coronavírus⁶. Segundo dados do Ministério da Saúde (2020, n.p.), a pandemia do novo coronavírus teve início na China, sendo comunicada oficialmente no dia 31 dezembro de 2019, e vem assolando diferentes países do mundo.

Diante do cenário pandêmico, as festas religiosas de Natividade não foram realizadas em sua normalidade, ocorrendo apenas uma missa com os festeiros em 2020, sem a participação dos fieis e com transmissão online pela conta no Instagram de um dos devotos.

⁶ Os coronavírus são uma grande família viral, conhecidos desde meados de 1960, que causam infecções respiratórias em seres humanos e em animais. Alguns coronavírus podem causar doenças graves, como a Sars (Síndrome Respiratória Aguda Grave), identificada em 2002 e a Mers (Síndrome Respiratória do Oriente Médio), identificada em 2012.

Dessa forma, a Festa do Divino Espírito Santo de Natividade do ano de 2020 foi suspensa e transferida para 2021. Porém em 2021, como a situação não melhorou (muito pelo contrário), a Festa do Divino Espírito Santo foi transferida novamente para 2022, mantendo os mesmos festeiros de 2020. Essa decisão foi tomada após reunião dos festeiros com o pároco e representantes da Associação Comunitária e Cultural de Natividade (Asccuna), em que divulgaram no dia 26 de janeiro de 2021, um comunicado via aplicativo de troca de mensagens (Whatsapp) para todos os envolvidos.

Portanto, devido às medidas de distanciamento sociais estabelecidas pelos governos (federal, estadual e municipal) e devido à pandemia do novo coronavírus, a metodologia utilizada durante a coleta de dados desta pesquisa foi adaptada às novas condições de contato social.

Com isso, a coleta de dados foi baseada em entrevistas remotas por meio de e-mail, aplicativos de envio de mensagens e de videoconferência, como Whatsapp e Google *Meet*, respectivamente, além de disponibilização de questionários online entre os dias 30 de março de 2021 a 15 de abril de 2021, como alternativa encontrada quanto ao impedimento da coleta in loco das respostas, uma vez que não ocorreram as festas.

A Festa do Divino Espírito Santo

A festa em celebração a Pentecostes ou, como se conhece, Festa do Divino Espírito Santo, teve sua origem em Portugal com expansão do seu culto por toda a Europa Ocidental, durante o século XII, com grande influência fomentadora de ordens religiosas, como os franciscanos; o patrocínio do poder real e, por arrastamento, das classes sociais mais abastadas; o seu caráter caritativo de dar comida aos pobres, o que tinha grande popularidade; cortejos e cerimoniais ricos e suntuosos, com espetáculos impressionantes; e implementação desse culto, preferencialmente em zonas de influência dos grandes centros (ABREU, 1999).

Essa festa chegou ao Brasil por meio da colonização dos portugueses. De um modo geral, as festas do Espírito Santo tiveram um ciclo de implementação, expansão e decadência na história de Portugal. Das demais cidades pelo país que celebram o Divino Espírito Santo, têm-se: a histórica Paraty, litoral sul do Rio de Janeiro, em que a festa é registrada como patrimônio cultural; Em Alta Floresta, no estado de Rondônia, onde a

celebração é fluvial; em Minas Gerais, estado de forte tradição religiosa em que são pelo menos 41 municípios a realizar as comemorações somente no mês de maio. Entre elas, destacam-se Diamantina, São João del-Rei, Sabará e Mariana; além da Festa do Divino da comunidade de Marmelada, no Piauí, e a Romaria de Carros de Bois da Festa do Divino Pai Eterno, em Trindade, interior de Goiás (MTUR, 2015).

As festas foram introduzidas no Brasil com as entradas e bandeiras, conforme apontam alguns autores brasileiros e portugueses. As folias foram precursoras dos populares festejos do Espírito Santo pelo interior do Brasil por se ambientarem geralmente na roça.

Já no Tocantins, as festas vão de janeiro a julho de acordo com as características de cada localidade e são realizadas em várias cidades, especialmente nas regiões sudeste e central do Estado, nas cidades de Almas, Santa Rosa, Chapada de Natividade, Peixe, Silvanópolis, Paranã, Conceição do Tocantins, Palmas, Porto Nacional, Araguacema, Araguaçu, Monte do Carmo e Natividade (MESSIAS, 2010).

A Festa do Divino Espírito Santo de Natividade é considerada uma festa tradicional no Tocantins, caracterizando-se pela sua singularidade, em que alguns personagens, ritos e celebrações são distintos dos originários vindos com os colonizadores portugueses para o Brasil e, em consequência, para a região central do país. É na década de 80 do século XX que as comemorações em torno da festa do Divino Espírito Santo em Natividade tomam ‘corpo’ (MESSIAS, 2010).

Para Durkheim (2008), os rituais delimitam a relação entre sagrado e o profano, estabelecendo normas referentes ao comportamento quando no momento do sagrado. Logo, em todas as celebrações religiosas existem regras estabelecidas, por meio dos símbolos e ritos, que desempenham a função de mediar a relação do indivíduo e sua divindade.

A festa do Divino Espírito Santo segue o calendário cristão, com data móvel, celebrada cinquenta dias depois da Páscoa, precisamente no 7º domingo após a Ressurreição de Jesus, em que símbolos como a pomba e a cor vermelha representam, respectivamente, o Divino e o fogo, e estão presentes em toda parte, seja nas bandeiras, decoração da Igreja e até mesmo na vestimenta dos devotos e foliões.

Figura 1 – A Festa do Divino Espírito Santo em Natividade.



Fontes: Imagem A (Flávio Pereira, 2010); Imagens B e C (Emerson Silva, 2011); Imagens D e E (Autora, 2010) e, Imagens F e G (Autora, 2019).

Regidos pelas regras de um código estabelecido durante anos, os devotos e foliões do Divino Espírito Santo acompanham esses ritos do que pode ou se deve fazer, o que não fazer em cada momento e como deve ser feito outros momentos, sendo protagonistas ou apenas coadjuvantes dentro dessa relação (SOUSA, 2017).

Todos os “do lugar” compartilham crenças e conhecimentos comuns. Pouca coisa pode ser improvisada, se é porque desigualmente se sabe

o que vai acontecer e desigualmente se sabe como proceder que o rito recria o conhecido e, assim, renova a tradição; aquilo que se deve repetir todos os anos como conhecimento, para se consagrar como valor comum. Renova um saber cuja força é ser o mesmo para ser aceito. Repetir-se até vir a ser, mais do que apenas um saber sobre o sagrado, um saber socialmente consagrado (BRANDÃO, 2010, p. 58).

É a partir do sorteio dos festeiros que um novo ciclo se inicia, novas famílias são inseridas nesse contexto e a devoção permanece. Assim, são nesses locais de experiência religiosa que as pessoas aprendem as crenças que sustentam as normas e que codificam a vida em sociedade.

Para traçar o perfil do visitante das festas religiosas de Natividade, foi utilizada a coleta de dados por meio de questionários online entre os dias 30 de março de 2021 a 15 de abril de 2021, como alternativa encontrada quanto ao impedimento da coleta in loco das respostas, uma vez que não ocorreram as festas do Divino Espírito Santo e a Romaria do Senhor do Bonfim no ano de 2020.

Ao todo foram respondidos 120 questionários, cujo link para participação foi divulgado nos grupos do Whatsapp da comunidade de Natividade, nos perfis nas redes sociais vinculados à cidade e as festas ora pesquisadas, além de envio por e-mail aos respondentes que assim o solicitavam em contato com a pesquisadora.

Nas perguntas abertas foi utilizado, para melhor visualização das palavras-chave encontradas na análise das respostas dos questionários, imagens em nuvens de palavras, que é um recurso gráfico utilizado para descrever de forma simples os termos mais frequentemente citados pelos visitantes: palavras mais frequentes são desenhadas em fontes de tamanho maior, palavras menos frequentes são desenhadas em fontes de tamanho menor. Essas nuvens foram geradas por meio do site www.wordclouds.com, sendo subtraídos os artigos e pronomes das 120 respostas recebidas até o dia 15 de abril de 2021.

O questionário inicia com a concordância do participante assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), seguindo para as sessões seguintes. A primeira sessão estabeleceu o perfil do respondente (nome completo, origem, sexo, estado civil, faixa etária, renda mensal familiar, escolaridade, ocupação e como se informa).

Do perfil dos respondentes e iniciante na sessão socioeconômica, tem-se que da cidade de origem dos participantes da pesquisa: 36% são de Natividade, 18% de Dianópolis, 16% de outra cidade tocantinense não mencionada no questionário, 15% de outro estado e 9% da capital, Palmas.

Ainda, que 63% dos respondentes se identificam com o gênero feminino e 37% com gênero masculino. Ainda do perfil socioeconômico, tem-se que 49% são casados ou em união estável, 42% são solteiros, 6% divorciados e 3% se definiram como “outros”.

Com base no salário mínimo vigente⁷ no ano de 2021, 45% dos respondentes confirmou receber entre 2 a 4 salários mínimos por mês, outros 29% recebem cerca de 5 a 10 salários mínimos, 11% recebem apenas 1 salário mínimo mensalmente, 7% dos respondentes recebem mais de 10 salários mínimos por mês, 5% recebem menos que um salário mínimo e 3% não possuem uma renda fixa. Sobre o grau de escolaridade, o questionário demonstrou que 69% dos que frequentam as festas religiosas de Natividade possuem nível superior, 18% possuem o Ensino Médio, 3% Ensino Fundamental e 10% marcaram outros, porém não especificaram. Não houve marcação para “Não alfabetizado”.

A faixa etária dos respondentes foi de 37% para as pessoas com 30 a 39 anos, 26% as pessoas com idade entre 40 a 49 anos, 11% dos 25 aos 29 anos, como também 11% da faixa etária dos 18 aos 24 anos, 9% de respondentes com idade entre 50 a 59 anos e 6% para as pessoas com mais de 60 anos de idade.

Com relação a ocupação profissional, 55% dos respondentes são empregados públicos, 13% autônomos, 9% de empregados do setor público, 6% de aposentados/pensionistas, 4% de donas de casa, 4% de desempregados e com a margem de 3% cada, ficaram os empresários, estudantes e outros. Na primeira sessão do questionário, também se perguntou por qual meio de comunicação que o participante utilizava no dia a dia para se informar. Nesta pergunta, o respondente poderia marcar mais de uma opção e com isso, 78,3% se informam por aplicativo de mensagens (Whatsapp), 76,7% pela internet, 69,2% por meio das redes sociais como Instagram e

⁷ Pela legislação, o presidente da República é obrigado a publicar uma medida provisória até o último dia do ano com o valor do piso para o ano seguinte. Em 2021, o salário mínimo está em R\$ 1.100.

Facebook, 65% se informam pela televisão, 19,2% com a rádio e 8,3% por meio de jornal impresso.

Na segunda sessão do questionário foi abordado sobre a participação nas festas pesquisadas (quantos dias/vezes participaram e principais motivos em participar), com duas perguntas abertas sobre: a) qual a relação do respondente com as festas pesquisadas; b) o que mais marcava o respondente ao participar das festas.

Ao perguntar de qual festas o respondente participava, 41% já participou tanto da Festa do Divino Espírito Santo quanto a Romaria do Senhor do Bonfim, 39% participa apenas da Romaria do Senhor do Bonfim, 17% participa da Festa do Divino Espírito, 1% citou a festa da padroeira do Tocantins, na Festa de Nossa Senhora da Natividade e 2% não vai nem na Festa do Divino Espírito Santo ou na Romaria do Senhor do Bonfim.

Tanto a Festa do Divino Espírito Santo como a Romaria do Senhor do Bonfim são festividades que ocorrem por dias seguidos em Natividade. Sobre a quantidade de dias que frequenta nas festas, as respostas foram quase equânimes, sendo: 35% todos os dias, 35% de 2 a 3 dias e 30% dos respondentes vão só 1 dia nas festas. Da quantidade de vezes que já frequentou as festas, 48% já participou mais de 10 vezes das mesmas, 17% foi apenas 1 vez, 16% participou de 2 a 4 vezes, 10% de 5 a 7 vezes e 9% participou de 8 a 10 vezes das festas pesquisadas nesta tese.

Com relação aos principais motivos dos participantes da pesquisa em participar das festas religiosas de Natividade, neste caso a Festa do Divino Espírito Santo e na Romaria do Senhor Bonfim, 61,2% devido a tradição familiar, 46,6% para assistir as missas, 28,4% para pagar promessas, 21,6% visitar ou reencontrar parentes e amigos, 12,9% para pedir milagre, 7,8% para tratar de negócios ou a trabalho, 1,7% como conhecimento cultural e estudos, além de aproximadamente 1% cada, no que tange na organização da festa, evento popular, fé no Divino, tradição da região e conhecer a festa.

Ainda nessa sessão, foram realizadas duas perguntas abertas sobre a relação dos entrevistados com as festas religiosas de Natividade e o que mais marcou nos mesmos quando participava das mesmas. Das palavras com maior destaque sobre a relação com

as festas religiosas de Natividade estão “Tradição”, “Fé”, “Devoção”, “Religiosidade”, “Familiar” e “Cultura”.

Figura 1 Qual sua relação com as festas religiosas de Natividade?



Na segunda pergunta aberta, perguntou-se aos respondentes o que mais os marcava ao participar das festas. As palavras que mais apareciam nas respostas foram “Fé”, “Devoção”, “Tradição”, “Cultura”, “Pessoas”, “Alegria” e “Festas”.

Figura 2 O que te marca mais quando participa de alguma dessas festas?



A terceira e quarta sessão foram sobre a avaliação das duas festas pesquisadas, aplicando quesitos entre “ótimo” a “sem declaração”, nas áreas de limpeza, energia, internet, estacionamento, segurança, área da missa, atendimento ao visitante, público visitante e organização.

Com base nas últimas festas do Divino Espírito Santo realizadas em Natividade e que já tinham participado, os participantes da pesquisa avaliaram a infraestrutura básica da mesma, que é oferecida pela comunidade e que a cada ano é organizada por festeiros (Imperador e Capitão do Mastro) diferentes.

Com relação a limpeza do espaço de realização das festas do Divino realizadas até 2019, 38% dos participantes considera como “Bom”, 27% como “Ótimo” e 17% sendo “Regular”. Apenas 4% dos respondentes responderam que o espaço das festas era “Ruim”, ou seja, se somados os resultados de ótimo e bom, representam 65% dos respondentes. Já com relação a distribuição de energia elétrica no local da festa: 44% considera “Bom”, 23% como “Ótimo”, 16% sendo “Regular” e 2% como ruim. A energia distribuída também é bem avaliada pelos participantes.

No que se trata sobre o sinal de internet no local das festas do Divino Espírito Santo, a avaliação desse quesito recebeu 31% como “Regular”, 20% classificado como “Bom” e 17% considerado “Ruim”. O estacionamento também foi considerado como “Regular” para 38% dos respondentes, 22% como “Bom”, 19% classificam como “Ruim” e 4% consideram como “Ruim”.

Assim, vale ressaltar que as festas principais do Divino acontecem na zona urbana de Natividade, facilitando o acesso a esses serviços para quem as visita. Algumas respostas possuem porcentagem para “Nada a declarar” pelo fato de terem participado só da Romaria do Senhor do Bonfim, por exemplo.

Outros quesitos avaliados foram segurança do local e a área das missas/festas. Com relação a segurança, 37% consideram “Bom”, 30% como “Regular”, 10% avaliaram como “Ruim” e 7% como “Ótimo”. Sobre a área de realização das missas, neste caso para a festa do Divino Espírito Santo as mesmas são realizadas na Igreja do Espírito Santo e demais igrejas da cidade. A partir disso, 44% consideram o local das missas como “Bom”, 21% sendo “Ótimo”, 19% como “Regular” e 1% dos respondentes como “Ruim”.

Sobre o atendimento ao público visitante, 34% considera “Bom”, 24% como “Regular”, 20% sendo “Ótimo” e 3% avaliaram como “Ruim”. E quando avaliam o público visitante na festa do Divino, 47% dos participantes avalia como “Bom”, 29% sendo “Ótimo”, 7% “Regular” e 2% como um público “Ruim”.

A festa do Divino em Natividade possui é caracterizada por ser uma festa comunitária, solene e repleta de ritos, predominando o dever e a obrigação por parte de todos, seja na preparação das comunidades, nos pousos, no giro das folias e em todos os rituais que a complementam. Logo, 40% dos respondentes do questionário consideram a

organização da festa como “Ótimo”, 39% como “Bom”, 4% sendo “Regular” e 1% “Ruim”. Assim, reunindo as porcentagens de “Ótimo” e “Bom”, tem-se 79% de análise positiva com relação a organização da festa.

Com base nesses dados, percebe-se que as festas religiosas católicas em Natividade promovem uma grande concentração de pessoas que se organizam para manter a tradição, fazendo com que essa mesma acabe por se tornar uma característica local, ou seja, criando uma identidade cultural.

Com isso, ressalta-se que o estudo dessas festas não pode ser feito de modo estagnado, sem correlacioná-las com a vida cotidiana, suas rotinas, especialmente com o mundo do trabalho. Para Melo (2000, p. 58), as festas fazem parte daquele universo do ‘lazer’, no qual as classes populares ingressam de modo mais intenso ao conquistar o direito do ‘ócio’, privilégio historicamente desfrutado pelas classes abastadas.

Considerações

Ao celebrar festas religiosas os sujeitos unem-se por meio dessas práticas culturais ao dançar, cantar e orar, sem contar ainda com as promessas, romarias, procissões e festejos, pois a religiosidade aproxima as pessoas e lhes dão um sentido de comunidade.

Beltrão (1980, p. 61) afirma que a celebração das festas católicas decorre de um calendário religioso baseado no ano litúrgico, de amplitude universal e que assume caráter especificamente regional ou local, “quando se trata de comemorar o ‘dia do padroeiro’, isto é, do santo sob cuja proteção foi posta a localidade pelos seus fundadores”.

A comunidade católica nativitana reúne-se em torno da Festa do Divino Espírito Santo para sua promoção comunitária em devoção e culto, unindo o sagrado e o profano em uma mesma celebração. E nessa celebração, tal união produz representações que passam a ser vistas como expressões de uma “consciência coletiva”, na qual pode-se observar que existe a transgressão das normas sociais, a coesão do grupo social e a produção de um estado de efervescência coletiva (DURKHEIM, 2008).

Sabe-se também que o homem se torna o resultado do meio em que foi socializado e adquire a capacidade de questionar os seus próprios hábitos e modificá-los

adequando a sua atual condição na sociedade, passando a agir com fluência na promoção de uma identidade por meio de suas manifestações culturais.

Referências

ABREU, Martha. **O império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999.

AGIER, Michel. DISTÚRBIOS IDENTITÁRIOS EM TEMPOS DE GLOBALIZAÇÃO. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 7-33, Out. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132001000200001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 fev. 2018.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93132001000200001>

BAJOIT, Guy. **Tudo muda: proposta teórica e análise da mudança sociocultural nas sociedades ocidentais contemporâneas**. Ijuí, RS: Editora Unijuí/Lisboa: CEOS, 2006.

BELTRÃO, Luís. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo; Perspectiva, 2009.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Prece e Folia: festa e romaria**. Aparecida: Ideias & Letras, 2010.

COMAROFF, Jean, COMAROFF, John. **Etnicidad S.A.**. Madrid: Katz Editores, 2011.

DURKHEIM, Emile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. 3ª Ed. São Paulo: Paulus, 2008.

GEERTZ, Clifford, **A interpretação das culturas**. - 1. ed., IS. reimpr. - Rio de Janeiro: LTC, 2008.

IPHAN – INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Jóias artesanais de Natividade**. Brasília: IPHAN/MONUMENTA, 2006.

MELO, José Marques de. As festas populares como processos comunicacionais: roteiro para o seu inventário no limiar do século XXI. **Libero: Ano III, V. 3, n° 6, 2000**, p. 56-63.

MESSIAS, Noeci Carvalho. Religiosidade e devoção: as festas do Divino e do Rosário em Monte do Carmo e em Natividade – TO. 2010, 352 f. **Tese** (Doutorado em História). Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010. Disponível em: <http://portais.ufg.br/uploads/113/original_Tese_Noeci_Carvalho_Messias.pdf>. Acesso em 23 ago. 2011.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Vigilância em Saúde. Boletim Epidemiológico Especial – COE: COVID 19 – Semana Epidemiológica 21 (17 a 23/05). Disponível em <https://www.saude.gov.br/images/pdf/2020/May/29/2020-05-25---BEE17---Boletimdo-COE.pdf> Acesso em 02/06/2020

MTUR – Ministério do Turismo. Festas do Divino movimentam o turismo religioso. 05 Maio 2015. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/ultimas-noticias/festas-do-divino-movimentam-o-turismo-religioso> Acesso em: 15 Set 2020.

OLIVEIRA, Frederico Salomé de. O catolicismo rústico ganha uma cidade nova: a Festa do Divino da Comunidade Canela, Antes e Depois de Palmas/TO. **ENECULT** - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. 6, 2010, Salvador. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/wordpress/24418.pdf>> Acesso em: 12 jan. 2011.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 2ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

PARENTE, Temis Gomes. O papel da igreja nas formações das cidades. **Clio – Revista de Pesquisa Histórica**. v. 17, n. 1 (1998). Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaclio/article/view/24802> Acesso em: 05 Mai 2020.

SOUSA, Poliana Macedo de. **A festa do Divino Espírito Santo: memória e religiosidade em Natividade (TO)**. Editora Fi: Porto Alegre, 2017.

SOUZA, José Arilson Xavier de. Entendimentos geográficos da religião e peregrinações: em análise a Romaria do Senhor do Bonfim em Natividade (TO). **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v. 32, n. 2, p. 219-238, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=337127362013>>. Acesso em: 01 ago. 2017.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

YUDICE, George. **A conveniência da cultura: usos da cultura na era global**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.